

ICMBio

Edição 603 – Ano 13 – 16 de julho de 2021

em foco

**ICMBio contabiliza mais
de 8 milhões de visitas às
UCs em 2020**

**Diagnóstico do CBC traz dados
sobre a presença de búfalos em oito
UCs amazônicas**

**Caatinga ganha novos filhotes de
ararinha-azuis**

Diagnóstico do CBC traz dados sobre a presença de búfalos em oito UCs amazônicas

Não é novidade que muitas unidades de conservação federais são ameaçadas constantemente pela presença de espécies exóticas e invasoras. Dentre as variadas situações conhecidas no País, está a de búfalos asselvajados na Amazônia. Para compreender melhor esta situação antes de planejar estratégias de manejo para a espécie na região, o Centro Nacional de Avaliação da Biodiversidade e de Pesquisa e Conservação do Cerrado (CBC), com apoio do PNUD, preparou um diagnóstico no qual constatou que ao menos oito UCs amazônicas possuem ocorrências conhecidas da

espécie, em diferentes situações. Clique [aqui](#) e leia o diagnóstico.

Das UCs que apresentam populações de búfalos em seu interior, quatro estão no Amapá (Estação Ecológica de Maracá-Jipioca, Parque Nacional do Cabo Orange, Reserva Extrativista do Rio Cajari, Reserva Biológica do Lago Piratuba), três no Pará (Reserva Extrativista Marinha de Soure, Reserva Extrativista Verde Para Sempre, Reserva Extrativista Renascer) e uma em Rondônia (Reserva Biológica do Guaporé).

As UCs estudadas apresentam diferentes situações em relação ao búfalo. Há unidades onde existem búfalos em estado doméstico, manadas criadas pelas comunidades como no Parque Nacional do Cabo Orange, no Amapá, onde a maior parte dos búfalos encontrados na UC é de animais domésticos. No extremo oposto, há UCs com populações asselvajadas, como é o caso da Reserva Biológica do Guaporé, em Rondônia, onde um projeto mal sucedido de criação de bubalinos culminou na soltura de alguns indivíduos

Búfalos na Rebio Guaporé, em Rondônia. Animais foram soltos em Rondônia após um malfadado projeto de criação.

na década de 50. Hoje, a população de búfalos selvagens já ultrapassa 3,8 mil. Há ainda, unidades que apresentam rebanhos domésticos com a presença de alguns grupos selvagens.

O levantamento considerou as informações contidas em publicações e em contato com os gestores. O CBC também sistematizou dados sobre a situação sanitária e prevalência de patógenos de rebanhos domésticos na Amazônia, assim com legislações estaduais sobre manejo sanitário de bubalinos nos três estados onde foram registrados búfalos em UC. Por fim, foram levantadas experiências de manejo no Brasil e no mundo. Com estas informações, linhas gerais são apresentadas para embasar as definições de estratégias para o manejo da espécie, que devem ser adaptadas para cada UC. Clique aqui e acesse o diagnóstico. Quem possuir informações adicionais sobre búfalos nestas e em outras UCs repasse para o CBC, via e-mail da analista ambiental Tainah Guimarães (tainah.guimaraes@icmbio.gov.br).

O búfalo (*Bubalus bubalis*) é um animal de origem asiática, com algumas raças originárias do Mediterrâneo. Da mesma família que o boi doméstico, eles tiveram domesticação humana recente, há cerca de cinco mil anos. Desde então, o búfalo tem sido usado para fornecer carne, leite e couro.

IMPACTOS

Populações asselvajadas em UC podem causar impactos expressivos. Os búfalos podem reduzir a biomassa vegetal, já que esta espécie é uma grande consumidora de vegetação. Devido ao seu grande porte, podem ser responsáveis pela compactação e erosão do solo; em áreas alagadas, isto resulta em alterações de comunidades de plantas aquáticas.

Em relação aos impactos aos cursos d'água, os búfalos podem ser responsáveis por abertura de canais, drenagens de áreas alagadas, aporte de lama e sedimentos. Em locais próximos ao litoral, uma das consequências é a salinização de pântanos e cursos d'água doces.

Por exemplo, os campos inundáveis da Rebio Guaporé (RO) frequentemente ocupados por búfalos perderam a vegetação nativa típica acima da coluna d'água. Já na Esec Maracá-Jipioca (AP) os canais de drenagem criados pelos búfalos podem causar a salinização das bacias naturais de acumulação de água da chuva, que são as únicas fontes de água doce da ilha no período de estiagem.

Os búfalos também podem constituir um problema de saúde pública. No diagnóstico, foram encontradas 20 espécies de patógenos possíveis de infectarem a espécie, sendo que 13 delas estão presentes em mais de 10% dos rebanhos levantados nos estudos conhecidos para a região amazônica. Alguns patógenos podem ser transmitidos aos seres humanos, como a febre amarela, tuberculose, tripanossomose, leptospirose, toxoplasmose e cinco tipos de encefalite.

Caatinga ganha novos filhotes de ararinha-azuis

Um sinal divino de esperança acendeu no Centro de Reprodução e Reintrodução da Ararinha-Azul, em Curaçá, quando o Padre João, líder espiritual da comunidade, deu sua benção às aves azuis e aos seus cuidadores. Era o terceiro aniversário das duas unidades de conservação criadas para proteger uma das aves mais raras e ameaçadas do mundo, extinta do sertão baiano há mais de duas décadas.

E como um presente dos céus, logo no dia seguinte, um ovo eclodiu. No dia 6 de junho, nascia o segundo filhote sobrevivente de ararinha-azul



(*Cyanopsitta spixxi*) em Curaçá, a simpática cidade de pouco mais de 30 mil habitantes, cercada pelos sertões baiano e pernambucano e banhada pelo Velho Chico. Três dias depois, mais um ovo eclodiria, sacramentando o terceiro filhote vivo em 2021.

Todos os filhotes que nasceram foram de um mesmo casal, que foi formado (ou pareado) aqui no Brasil. Jovens casais, como os que chegaram da Alemanha em março de 2019, não têm muito tato com os filhotes e podem ser atrapalhados para pôr, chocar ovos e também cuidar dos recém-nascidos. O que faz com que necessitem de uma mãozinha dos criadores.

Segundo a veterinária Camile Lugarini, do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres, é comum ainda que, entre jovens pares haja vários ovos inférteis e malformados. “Por isso, o nascimento de três filhotes de um mesmo casal na primeira estação reprodutiva na Caatinga foi muito comemorado”, diz Camile.

Os novos filhotes se somam ao irmão mais velho, que já tem dois meses. Assim como o primogênito, eles também devem receber ajuda dos criadores nos primeiros cuidados. O irmão mais velho, inclusive, anda muito bem. Já toma café da manhã e almoça sozinho, precisando apenas de uma papinha dos criadores uma vez por dia. Ele está numa gaiola separada, já empoleirando, em sala separada dos filhotes. Porém, tão cedo não deixará de ser um “bebê”, já que a idade adulta para as ararinhas-azuis só chega por volta dos três anos de idade.

DEU MATCH

Para reproduzir, as ararinhas-azuis precisam formar casais num processo



Novos filhotes de ararinhas-azuis. Com os dois, já são três ararinhas-azuis nascidas na Caatinga após trinta anos

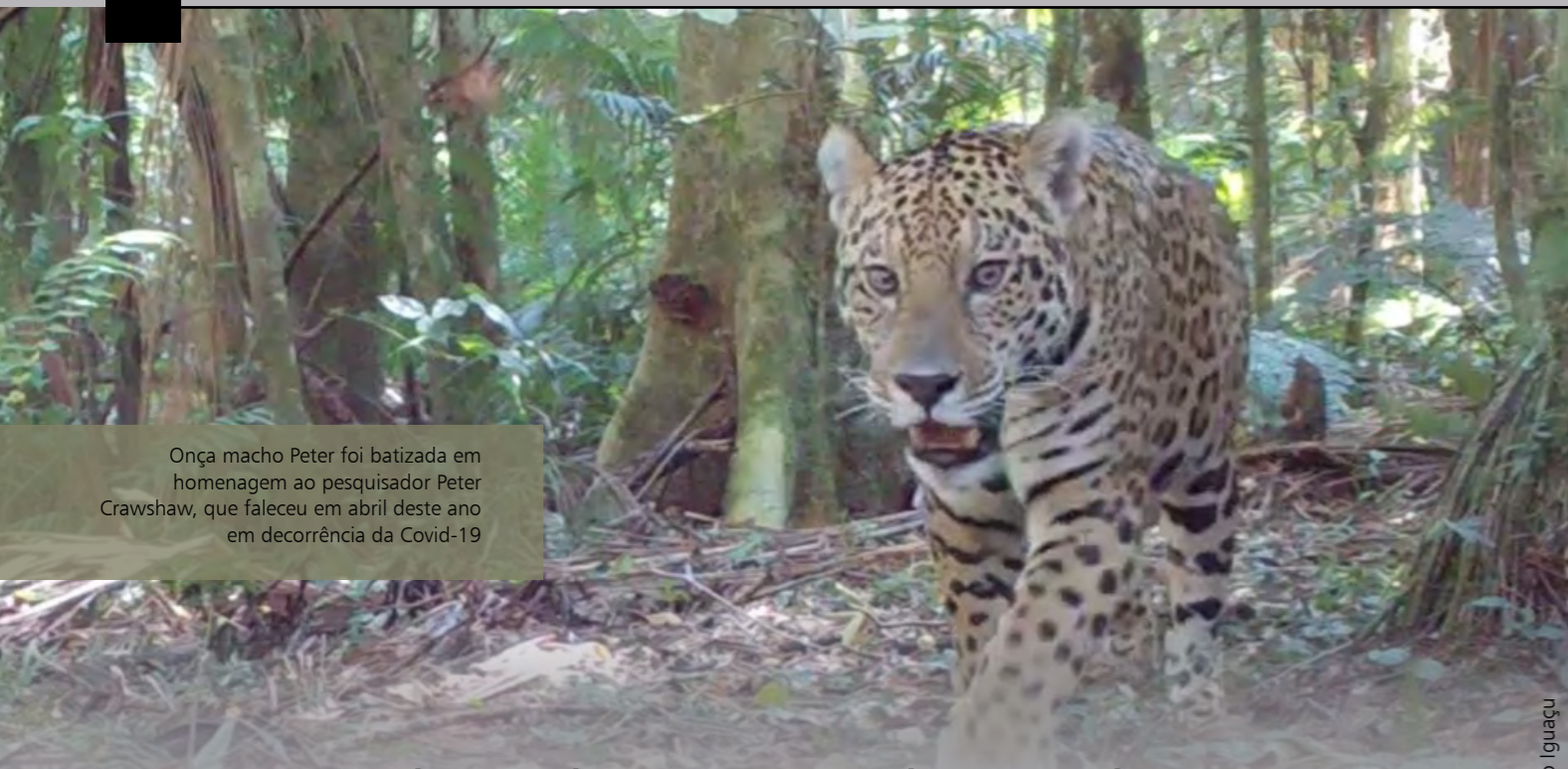
Divulgação ACTP

chamado pareamento. Este é um processo feito, geralmente, quando as aves são jovens. Das ararinhas-azuis que chegaram no País em 2019, todas foram pareadas aqui.

De acordo com Camile, pode se juntar um grupo e deixar com que eles formem casais naturalmente. Ou pode-se optar por um pareamento artificial. Nos dois casos, a química pode rolar... ou não. “Por isso, observamos o comportamento do casal para verificar agressividade ou compatibilidade, que é comportamento de *allopreening*, que é um carinho ou “alisar as penas” ou alimentação na boca do companheiro. As aves começam a frequentar cada vez mais o ninho e formar uma ‘cama’ para a postura”, explica Camile.

Na natureza, psitacídeos (família a qual pertence a ararinha-azul, incluindo ainda araras, periquitos, jandaias, papagaios em geral) aproveitam para se reproduzir um pouco antes da máxima abundância de recursos. Na Caatinga, a época para postura de ovos é no início das chuvas (outubro a novembro). Os filhotes nascem em janeiro e saem do ninho por volta de março. Em cativeiro, escolhe-se uma época para abrir as caixas-ninho. “No Centro de Reprodução as caixas ninho foram abertas em janeiro de 2021. Pretendemos ajustar o período reprodutivo do Centro à estação chuvosa nos próximos anos. Assim poderemos fazer manejo de ninhos em vida livre”, conta Camile.

A eclosão dos ovos se deu em 26 dias (dentro do ninho, junto com os pais). Logo após o nascimento, os filhotes foram retirados da caixa-ninho e colocados em um ambiente aquecido.



Onça macho Peter foi batizada em homenagem ao pesquisador Peter Crawshaw, que faleceu em abril deste ano em decorrência da Covid-19

Parque Nacional do Iguaçu registra mais uma onça

Danificar armadilha fotográfica é um mau comportamento dos visitantes, mas desta vez, os pesquisadores do Projeto Onças do Iguaçu, no Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, não tiveram motivos para ficar chateados. O visitante travesso foi uma onça pintada macho que não constava nos registros e recebeu um nome do ousado pesquisador Peter Crawshaw.

A onça Peter se soma à população de onças-pintadas que vivem na área do Parque Nacional do Iguaçu, que é, comprovadamente, a mais promissora na Mata Atlântica. Neste bioma, a situação das onças-pintadas é crítica. Dados indicam que o terceiro maior felino do mundo está criticamente ameaçado de extinção na Mata Atlântica.

O nome é em homenagem ao pesquisador Peter Crawshaw. O paulista Crawshaw se encantou pelos felinos ainda enquanto estudante, quando acompanhou o famoso zoólogo George Schaller numa viagem ao Pantanal. Schaller já havia estudado outros felinos como o tigre-asiático e o leopardo-das-neves e procurava uma área para estudar a poderosa onça-pintada.

O trabalho entre os dois começou, então, em 1978. O objetivo era colocar colares de monitoramento, tecnologia praticamente inédita, que até então já tinha sido testado no monitoramento do urso-pardo e do puma-americano, nos Estados Unidos. Começaria ali uma bem-sucedida carreira no estudo das onças-pintadas, que faria Crawshaw se tornar referência no Brasil e no mundo.

Crawshaw foi servidor do antigo IBDF, Ibama e Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (Cenap/ICMBio), onde se aposentou em 2012. Foi responsável pela primeira foto de armadilha de uma onça-pintada e fundou o projeto Carnívoros do Iguaçu, hoje chamado Onças do Iguaçu. Durante a vida, Crawshaw viveu inúmeras aventuras: sobreviveu à queda de um ultraleve, a ataques de onças e até mesmo foi sequestrado. Lamentavelmente, Crawshaw é um dos meio milhão de brasileiros que não conseguiu vencer a luta contra a Covid-19, falecendo em abril de 2021.

Divulgação Projeto Onças do Iguaçu

Edward Elias

Cecav realiza live de lançamento para o I Prêmio Nacional de Espeleologia Michel Le Bret



Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu

Na quinta-feira (29), às 16h, o coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (Cecav/ICMBio), o presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia, Allan Calux, e a autora do livro “Michel Le Bret: Francês e Brasileiro, Espeleólogo e Desenhista”, Leda Zogbi, realizarão, no canal do YouTube do Cecav, uma live de lançamento do I Prêmio Nacional de Espeleologia Michel Le Bret. O intuito é incentivar publicações científicas sobre o patrimônio espeleológico brasileiro.

Os participantes serão divididos nas categorias: ampla concorrência, pós-graduando, jovem espeleólogo e seção técnica. A premiação, que acontecerá em 21/04/2022, no 36º Congresso Brasileiro de Espeleologia (CBE), dará aos vencedores o direito de terem seus artigos científicos

publicados na Revista Brasileira de Espeleologia (RBEsp) ou Espeleo-Tema, além de uma quantia paga em dinheiro.

A iniciativa realizada em parceria com a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE) pretende reconhecer trabalhos de maior relevância para a gestão e conservação do patrimônio espeleológico brasileiro. O Cecav e a SBE, portanto, convidam a todos a acompanharem a live e aos pesquisadores a se inscreverem e compartilharem seus conhecimentos e experiências que contribuam com a espeleologia brasileira.

[Assista ao vídeo sobre o I Prêmio Nacional de Espeleologia Michel Le Bret](#)

Por que os tubarões não são vilões?

De tubarões assassinos comedores de gente aterrorizam um verão pacato numa enseada tranquila aos grandes peixes invadindo cidades num tornado... Ao longo das décadas, filmes de terror marcaram os tubarões como vilões sanguinários e sedentos de sangue humano, dando uma fama injusta a estes peixes cartilaginosos.

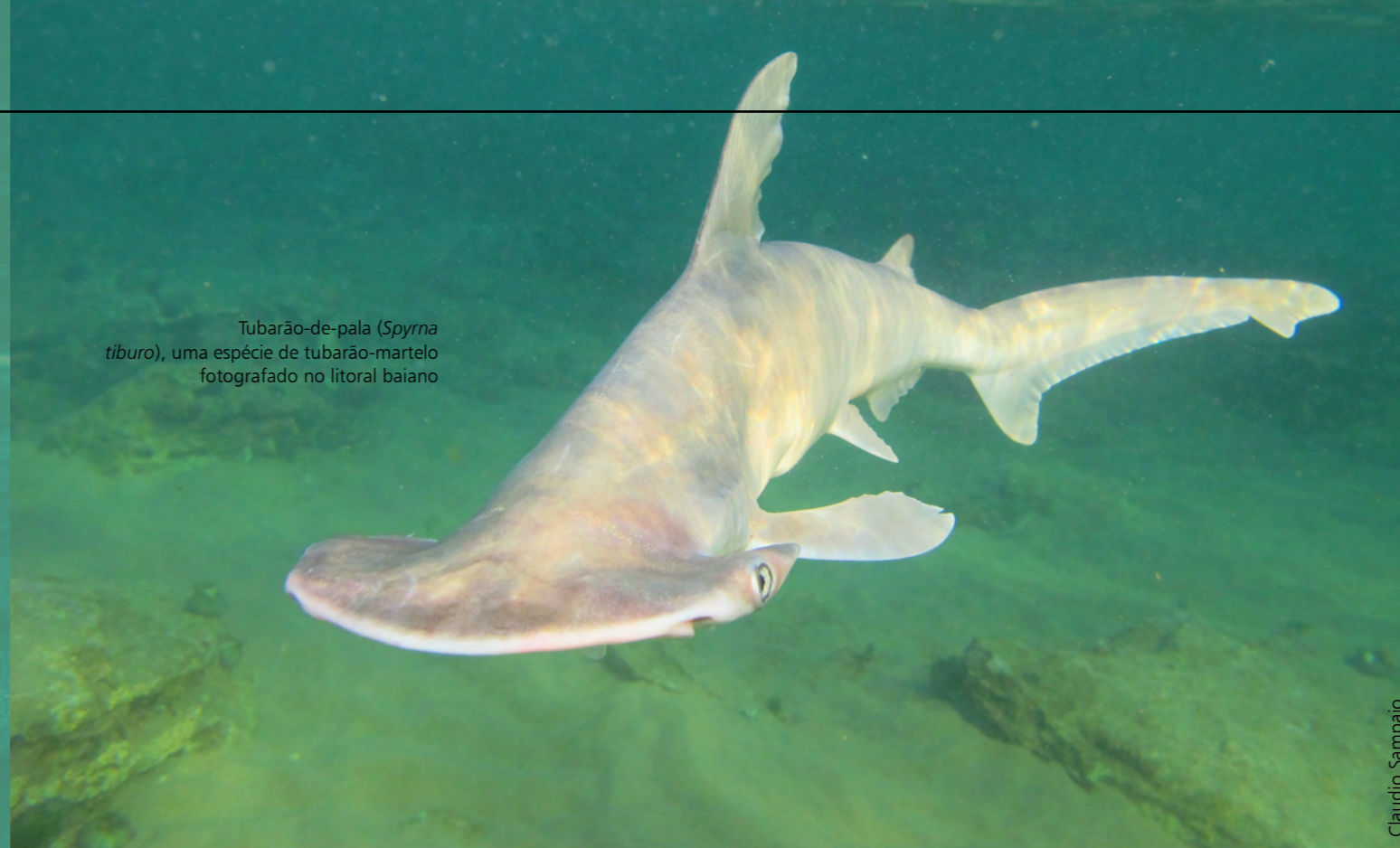
Esqueça aquela imagem do grande tubarão-branco (*Carcharodon carcharias*) próximos às praias, conforme ficou marcado em vários filmes do segmento. Analista ambiental do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (Cepsul) e estudiosa do tema, Roberta Aguiar conta que espécies como essas dificilmente chegam perto da praia. “Em geral registros de tubarão-branco foram feitos por meio de capturas pela pesca, sem ocorrência de interação direta com humanos.”

A chance de sofrer uma mordida de tubarão enquanto se está no mar é ínfima - 1 em 11,5 milhões. De acordo com *Yearly Worldwilde Shark Attack Summary*, o ano de 2020 teve 129 incidentes com tubarão em todo o mundo, 13 deles resultaram em acidentes fatais. Ou seja, é mais fácil ser atacado por cachorros, jacarés e até mesmo cair em um buraco de areia, do que por um tubarão.

Já os seres humanos promovem uma verdadeira carnificina. Somos responsáveis pela morte, de aproximadamente, 97 milhões deles por ano. Logo, a nossa conta com os tubarões está mais que negativa.

Uma ideia que propagada pelos filmes é a de que os tubarões nos atacam para comer. Esta é uma concepção bastante equivocada, visto que a carne humana está longe de estar no cardápio dos tubarões. Eles preferem peixes menores, focas, tartarugas e filhotes de baleias. Quando

Tubarão-de-pala (*Sphyrna tiburo*), uma espécie de tubarão-martelo fotografado no litoral baiano



Claudio Sampaio

encontram seres humanos, geralmente são movidos por outros fatores. “As espécies de tubarões que possuem esta interação negativa estão em seus ambientes, procurando presas ou até reagem à presença de um humano para se defender, mas que nessa interação podem causar danos que chegam a ser fatais”, destaca Roberta. Das mais de 500 espécies conhecidas do peixe, menos de 10% têm encontros não muito amigáveis com os seres humanos.

Ainda de acordo com o *Yearly Worldwide Shark Attack Summary*, dos acidentes envolvendo humanos, a maioria (61%) foi de surfistas e praticantes de esportes como *bodyboarding*. Isto confirma a tese de que a visão subaquática (já que os tubarões visualizam suas presas a partir do fundo) de um surfista nadando em sua prancha pode confundir um tubarão com suas presas, como focas e tartarugas.

DIA INTERNACIONAL DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE TUBARÕES

Apesar de poderoso, este predador tem ficado cada vez mais escasso nos mares e oceanos em todo mundo. Um trabalho recente, que teve participação do Cepsul, forneceu um triste diagnóstico: em meio século, as populações de arraias e tubarões sofreu um declínio de 70%.

A população de tubarão-galha-branca-oceânico (*Carcharhinus longimanus*) diminuiu em 98% nos últimos sessenta anos, fazendo a espécie ser classificada pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) colocar como “Críticamente ameaçado de extinção” e fazer pesquisadores ligarem um alerta vermelho de que, se nada for feito, esta espécie vai desaparecer.

No dia 14 de julho, é celebrado o Dia Internacional de Conscientização sobre Tubarões. A data serve para alertar que estamos perdendo estes poderosos predadores e sobre as consequências desastrosas que sua extinção pode trazer.

Aqui no Brasil a situação não anda muito boa. No Brasil, podemos encontrar aproximadamente uma centena de espécies diferentes. A família Carcharhinidae, que possui o maior número de espécies no Brasil (cerca de 45), essencialmente composta por tubarões que em grande parte dependem das zonas costeiras em boa parte do ciclo de vida, é considerada a mais ameaçada já que a pesca direta e indireta afeta drasticamente as populações. As estimativas apontam que 56% das espécies desta família estão classificadas em alguma das categorias de risco de extinção.

Como os tubarões ocupam o topo da cadeia alimentar, a extinção deles geraria um efeito

dominó em toda a teia alimentar marinha, já que os predadores controlam a abundância e o comportamento de outras espécies.

Algumas das causas apontadas são a pesca de arrasto e de espinhel, que acabam fregando tubarões acidentalmente. Também há a caça ilegal e predatória do animal, e sim, nós brasileiros também temos responsabilidade nisso, já que o Brasil é um grande importador e também produtor de carne de tubarão. Uma pesquisa realizada em 2017 em Curitiba constatou que 70% dos consumidores não sabiam que o cação poderia ser carne de tubarão.

Outro motivo bem comum da caça de tubarões é a pesca para retirada de nadadeiras. A barbatana do tubarão é considerada uma iguaria e possui um alto valor de mercado. Ocorre que há uma prática abominável, na qual os pescadores capturam os tubarões e retiram suas nadadeiras, jogando o corpo junto ao mar (também chamado de “charuto”), alguns têm suas nadadeiras extraídas ainda vivos, tirando qualquer chance de sobrevivência.

Além de sua importante função nos ecossistemas marinhos, eles possuem características biológicas únicas, com várias espécies de vida longa, porém de maturação sexual tardia e poucos filhotes. “Devemos também apreciá-los como seres tão antigos, de forma ímpar e perfeita hidrodinâmica, que ocupam uma diversidade de ambientes, criaturas fascinantes para tantas gerações”, finaliza Roberta.

PROTEÇÃO PARA O TUBARÃO-MANGONA

No Dia de Conscientização sobre Tubarões, um passo importante foi dado. Cientistas do Brasil, Argentina e Uruguai lançaram um audacioso Plano Internacional para a proteção da espécie nos três países. O documento, disponível [aqui](#), elenca ações e objetivos para salvar a espécie da extinção e foi fruto de um trabalho conjunto durante o **Taller Regional del tiburón Carcharias taurus en el Atlántico sudoccidental: Esfuerzos transfronterizos para su conservación y aportes para una planificación estratégica regional**, um evento que contou com a participação de pesquisadores do Cepsul.

Governo Federal entrega cestas básicas para moradores das UC federais do baixo rio Negro



Entrega de cestas no Rio Unini

O Governo Federal entregou cestas básicas para atender as populações tradicionais em situação de vulnerabilidade nas unidades de conservação federais do baixo rio Negro.

Além de enfrentarem as restrições devido à pandemia do Covid-19, as comunidades têm vivido desafios frente à grande cheia do rio Negro e seus afluentes. Muitas famílias tiveram seus plantios e pomares afetados pela inundação dos rios e tiveram que colher suas mandiocas ainda fora do tempo para não perder totalmente a safra para produção da farinha, que é uma das principais fontes de renda e de alimentação.

No total, 1940 cestas básicas adquiridas pelo Ministério da Cidadania, em parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), foram distribuídas com apoio do ICMBio, contando ainda com o apoio de diversos parceiros locais.

No rio Jaú, no Parque Nacional do Jaú, a entrega de 200 cestas básicas foi feita entre os dias 29 e 31 de maio de 2021, com apoio dos agentes temporários ambientais do ICMBio, atendendo a moradores de cinco comunidades.

No rio Unini, que fica no Parque Nacional do Jaú e na Reserva Extrativista do Rio Unini, 870 cestas foram entregues a moradores de dez comunidades. As cestas foram distribuídas entre os dias 19 e 26 de junho, com o apoio da Associação dos Moradores do Rio Unini (Amoru).

Por fim, entre os dias 17 e 22 de junho, foi a vez da Reserva Extrativista do Baixo Rio Branco-Jauaperi, receber 870 cestas básicas. A distribuição foi feita com uma parceria entre o Núcleo de Gestão Integrada Novo Airão e a Associação dos Artesãos do Jauaperi (AARJ), com participação do Sebrae/AM e da Universidade Estadual do Amazonas (UEA).

Para a chefe do NGI Novo Airão, Leila Nápoles, neste momento de grandes impactos sociais, econômicos e ambientais, a sociedade deve se unir como uma espécie e tentar proteger os mais vulneráveis. "Pequenas ações podem salvar vidas. Atender as comunidades tradicionais nas áreas protegidas da Amazônia é de suma importância neste momento de cheia histórica na bacia amazônica, um socorro básico", completa Leila.

Pesquisa sobre Integridade Pública

Servidores e servidoras, vamos falar sobre **integridade?**



Sua opinião é **valiosa!**

ACESSE E PARTICIPE!

INTEGRA+
Programa de Integridade do ICMBio

Pesquisa a favor da prevenção de incêndios na Savana Amazônica

Entender melhor as diferenças de intensidade do fogo e do acúmulo de material combustível são elementos fundamentais para o planejamento e a prevenção de incêndios sobre a vegetação. Para responder essas perguntas, a pesquisa é uma ferramenta que pode ser utilizada para a gestão do fogo numa unidade de conservação.

Assim ocorre no Parque Nacional dos Campos Amazônicos (RO/AM/MT), unidade que abriga o Cerrado da Amazônia (ou savana amazônica). Por lá, um projeto de pesquisa chamado Campos Amazônicos Fire Experiment (CAFE) usa sensoriamento e coleta de dados em campo para monitorar o comportamento do fogo durante as queimas experimentais. Neste ano, o CAFE foi executado entre os dias 7 a 30 de maio.

A pesquisa busca entender melhor como funcionam as diferenças de intensidade de fogo e de acúmulo de material combustível fino observadas em queimas realizadas em diferentes épocas do ano e em distintas frequências de queima. Também busca saber como e quais são as respostas da vegetação submetida ao manejo em contraste com áreas não queimadas.

A abordagem é baseada na vinculação de dados de campo e satélite, contando com trinta parcelas de 100x100m (1 hectare) posicionadas de forma a coincidirem com a grade de pixels dos satélites Sentinel 2 (25 pixels de 20x20m) e Landsat (9 pixels de 30x30m). Com isso, são possíveis análises via sensoriamento remoto que são validadas com o que é coletado em campo, reforçando a capacidade de extrapolação dos dados experimentais para a paisagem. Dentro de cada parcela, existem ainda subparcelas

(40x40m, 5x5m e 1x1m) de monitoramento detalhado de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas, onde se avalia em detalhe os efeitos dos diferentes tratamentos de fogo na flora local.

A pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), coordenada pelo Dr. Daniel Borini Alves (Universidade Estadual de São Paulo/Rio Claro) e pelo Dr. Antônio

Laffayette Pires da Silveira (Universidade Federal de Rondônia/Porto Velho).

A ideia surgiu em 2018, durante incursões para identificar e selecionar áreas de estudo, quando houve também a demarcação das parcelas. Em janeiro do ano seguinte, houve a primeira campanha de campo já sob a nova abordagem, o que fez com que o projeto ganhasse corpo. No mesmo ano, foram definidas metodologias de trabalho e realizadas as primeiras queimas nas parcelas definidas.

Brigadistas realizando coleta de material combustível pós queima



Bruno Cambráia

No ano passado, por causa da pandemia, as únicas ações de campo foram os monitoramentos fotográficos trimestrais e as coletas de combustível, ambas realizadas pelos brigadistas da UC.

Na campanha deste ano, ainda com as restrições impostas pela pandemia, participaram cinco pesquisadores e cinco brigadistas. Além de todas as coletas e ações inerentes ao monitoramento das subparcelas, também foram realizadas queimas em seis parcelas no tratamento precoce bienal.

“O projeto tem sido uma excelente oportunidade de contribuirmos com a compreensão das relações entre o fogo e a vegetação em áreas de savana amazônica, em um trabalho colaborativo entre pesquisadores de distintas áreas do conhecimento e consolidado em parceria com atores locais”, avalia o pesquisador da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Rio Claro), Daniel Borini Alves. “Ao controlarmos a localização e o momento da incidência do fogo, a realização de queimas experimentais permite dispor de um panorama completo das condições pré e pós-fogo, possibilitando uma caracterização precisa da influência deste elemento sobre as formações vegetais”, completa Borini.

Os três anos de trabalho com coleta de dados permitem estabelecer a composição florística e, a partir de análise conjunta com dados secundários de outras savanas amazônicas, estabelecer correlações entre as diversas áreas de savanas. Dados complementares sobre efeitos do fogo nas populações de plantas vão possibilitar avaliar a melhor estratégia de manejo.

“Estamos avançando na proposta de estudos fenológicos visando conhecer a influência do fogo na fenologia das espécies. Tudo isto mais a descrição de uma nova espécie para Ciência que foi descoberta em nossos trabalhos”, destaca o pesquisador da Universidade Federal de Rondônia, Antônio Laffayette Pires da Silveira.

ICMBio contabiliza mais de 8 milhões de visitas às UCs em 2020

O ano de 2020 fechou com as unidades de conservação federais recebendo 8,4 milhões visitas. Em relação ao ano passado, houve um decréscimo de visitação e as estatísticas sofreram impacto com a pandemia de Covid-19. As unidades de conservação foram fechadas para o público em março de 2020 e começaram a ser reabertas, de maneira gradual, a partir de junho. No entanto, a reabertura é condicionada aos decretos locais, proibindo ou reabrindo atrativos que têm mais potencial de reunir mais público.

Pela primeira vez, a Área de Proteção Ambiental da Baleia Franca, em Santa Catarina, que iniciou o monitoramento em 2020 aparece no *ranking*. E o verão catarinense, que costuma ser movimentado e não foi afetado pela pandemia, impulsionou a APA para encabeçar o primeiro lugar dentre as unidades de conservação mais visitada, com 3,3 milhões de visitas.

Mesmo com a pandemia, unidades com alto número de visitação mantiveram seus números em alta. O Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, é o mais visitado da categoria, com 1,2

milhões de visitas; seguido pelo Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, com 700 mil.

Depois da reabertura das UCs, em meados de junho, a visitação só cresceu até o final do ano, o que não ocorria em anos anteriores, nas quais havia oscilações no meio do ano. Os dados consolidados da visitação em 2020 e de outros anos pode ser visualizado pelo **Painel Dinâmico** organizado pela Coordenação de Estruturação da Visitação e do Ecoturismo (Coest/CGEUP/Di-man), onde é possível ver a visitação por meses, por bioma, por categoria e muito mais.

Lazer e bem-estar na pandemia

Uma das restrições impostas pela pandemia de Covid-19 foi o distanciamento social. Assim, foram estimuladas atividades ao ar livre, o que contribuiu para que as unidades de conservação,

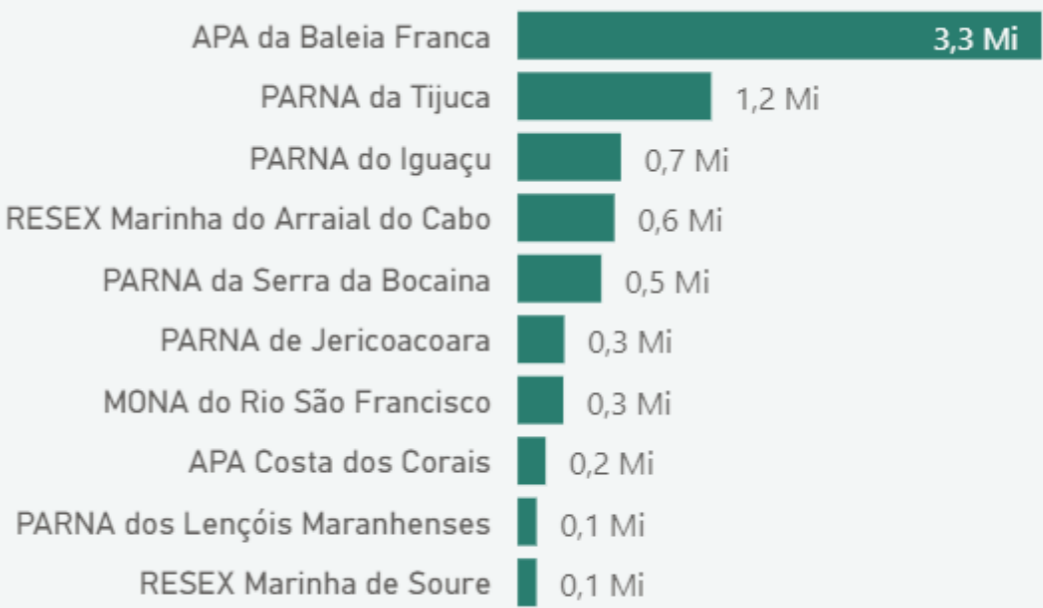
sobretudo parques próximos a conglomerados urbanos, como o Parque Nacional de Brasília, no Distrito Federal e o Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro, foram procurados para a prática de esportes como ciclismo, caminhadas ou simplesmente contemplação da natureza após muito tempo de confinamento.

As unidades de conservação, por serem ambientes ao ar livre, tornaram-se locais de recreação viáveis por permitirem a adoção das medidas sanitárias (como o distanciamento social), reforçando a relevância das UC para a qualidade de vida da população.

*Esta matéria é uma atualização da matéria veiculada na edição 596, visto que os dados foram complementados por novas informações de visitação.'

APA da Baleia Franca é a campeã de visitação. O verão catarinense pré-pandemia catapultou a visitação na UC

10 Unidades de Conservação mais Visitadas





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

DCOM

Diagramação

Marília Ferreira

Foto da Capa

Acervo APA da Baleia Franca

Colaboraram nesta edição

Bruno Cambraia – GR1; Camile Lugarini – Cemave; Josângela Jesus – NGI Novo Airão; Lorene Lima – Cecav; Tainah Guimarães - CBC; Yara Barros – Projeto Onças do Iguçu.

Divisão de Comunicação – DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste – EQSW 103/104 – Bloco C – 1º andar

CEP: 70670-350 – Brasília/DF | Fone +55 (61) 2028-9280

comunicacao@icmbio.gov.br | www.icmbio.gov.br



facebook.com/icmbio



youtube.com/canalicmbio



[@icmbio](https://instagram.com/icmbio)



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL